

Os jovens em contato com as redes sociais na produção, divulgação e mediação de conteúdo para Internet.

Amanda NOGUEIRA de Oliveira¹
Universidade de Fortaleza

Resumo

O presente artigo tem o intuito de evidenciar a internet como potencial ferramenta para divulgação, veiculação e construção de conteúdo por jovens. Hoje, uma grande parcela de jovens tem aprendido a interagir com o maior número de indivíduos a partir das novas tecnologias de comunicação. Também evidencia-se uma maior preocupação dos meios de comunicação tradicionais, e também dos próprios jornalistas, em se adaptarem a essas novidades cibernéticas. O artigo traz o III Congresso Mundial de Enfrentamento da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes e, mais especificamente, o Espaço Adolescente e Jovem como exemplo da interação entre os jovens e as redes sociais.

Palavras-Chave

Internet, Juventude, Jornalismo, Comunicação, Redes

Abstract

The present article has the aim of provide the evidence of the internet as a potential tool for dissemination, translocation and building of content by youths. Today, a great parcel of the youths has learned to interact with a biggest number of individuals from the new technologies of communication. Also, a bigger concern of the traditional media is proven and also then own journalists, to adapt themselves to these new cyber features. The article brings the World Congress III against Sexual Exploitation of Children and Adolescents and, more specifically, the Adolescent and Youth Space like an example of interaction between youths and social networks.

Keywords

Internet, Youth, Journalism, Communication, Networks

Introdução

Buscamos trazer a discussão sobre a participação dos jovens como importantes agentes na agenda midiática², tornando as novas tecnologias de comunicação e informação os seus principais meios de interação e divulgação de conteúdo. A ideia é discutir sobre as potencialidades da internet e, mais ainda, sobre como o uso dessa ferramenta por adolescentes dinamiza as informações, a tal ponto que o próprio contato deste jovem revoluciona e transforma as configurações já cristalizadas pelo jornalismo tradicional. Utilizo também, a seguir, como exemplo de interação do jovem com as redes sociais para produção, divulgação

¹ Estudante de graduação, do 7º semestre, do Curso de Jornalismo, Comunicação Social, da UNIFOR, email: mandraberry@gmail.com

² Informações pautadas e/ou discutidas pela mídia.

e mediação de conteúdo o Espaço Adolescente e Jovem, erguido durante o III Congresso Mundial de Enfrentamento da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.

O conceito de juventude, em aspecto sociológico, tem variado nos processos concretos e nas formas de abordagem dos estudos que tradicionalmente se dedicam ao tema (SPOSITO, 1997:38). Marília Sposito cita Karl Mannheim ao afirmar que o que marca a transitoriedade de uma faixa etária a outra é a mudança da heteronomia da criança para a autonomia do adulto. Hoje, utiliza-se a faixa etária dos 15 aos 24 anos para designar a idade do jovem³. Porém, este conceito varia de acordo com o contexto demográfico e social em que o jovem está inserido.

O jovem pode ser considerado o principal agente na construção e revolução da sociedade. A juventude por si é revolucionária (ZANETI, 2001:28). Hermes Zaneti vem observar justamente que o jovem está intimamente ligado à revolução – esta que, para ele, é motivada por uma razão, que causa o então descontentamento do jovem. A juventude está em constante busca, em constante necessidade de construir algo novo. Porém, assim como cita o autor, esta vontade de mudar, de revolucionar os sistemas vigentes, vem acompanhada da resistência dos que acreditam que a nova era não deve passar de simples sonho (ZANETI, 2001:29).

Os meios de comunicação, em seu começo, passaram por certa resistência, ou mesmo, transformaram os outros já existentes em ferramentas ainda melhores do que se supunha. Seja o rádio, cujo qual, pouco tempo após sua criação, foi abominado por alguns, que indicavam ter vindo com este meio o fim do jornal impresso, como a televisão, que durante algum tempo foi alvo dos que afirmavam que o rádio passaria por maus bocados até desaparecer por completo. Eis que chegou a vez da internet e muito se cogitou, e ainda se cogita, sobre o futuro dos meios de comunicação tradicionais existentes.

Quando ZANETI (2001) observa que sempre há resistência contra o novo, hoje se vê que se unir ao novo não é mais que a grande oportunidade de sobrevivência dos meios tradicionais de comunicação no século XXI.

Passada a grande novidade, o jovem de hoje, participante da revolução cibernética, vê a rede mundial como sua maior companheira. É nela que ele expõe seus medos, suas vontades, que critica, analisa, que envolve esta rede de conteúdo produzido por si próprio.

³ Parâmetro estabelecido pela Resolução 50/81, de 1985, Ano Internacional da Juventude, pela Assembléia Geral das Nações Unidas.

Os meios de comunicação tradicionais têm se adaptado às novas tecnologias de informação. Eles têm se deparado com a necessidade de acompanhá-las, desejando assim conquistar mais audiência e colocando a recepção em um patamar jamais visto. Pode-se dizer que esta audiência foi a provocadora dessa reformulação, e mais ainda, é necessário salientar que os jovens, dos adolescentes aos que se encontram no final da juventude, foram grandes auxiliares na dinamização dessa comunicação.

Experiências virtuais

Pode-se dizer que a internet mudou os hábitos das pessoas. Antes acostumados a descobrir e aprofundar fatos por jornais e revistas impressos, pela televisão, e ainda, durante o dia, fazer as atividades domésticas ouvindo várias informações pelo radinho de pilha, hoje, seja por brasileiros ou qualquer pessoa do globo, a internet é considerada como grande aliada na conquista da informação imediata. A internet é uma potencial ferramenta para a comunicação e interação de indivíduos, em que qualquer um que tenha acesso à rede, utilize-a como uma grande fonte de informações. Seja a partir do interesse imediato do ciberpesquisador ou não, alguma informação, que no começo da pesquisa passa despercebida, pode ser um dos objetivos de busca do pesquisador com apenas um clique.

Foram muitas as transformações decorrentes deste processo tecnológico. A partir da metade da década de 1990, pessoas de todos os lugares do mundo começaram a trocar informações mais rapidamente. Pôde-se então começar a conhecer e obter informações de qualquer local a partir de qualquer lugar do mundo. Agora, os meios de comunicação estão voltados para o meio eletrônico, impulsionando a chamada convergência midiática.

É apenas a partir da internet em banda larga, que pessoas de todos os lugares começam a usufruir dessa ferramenta cibernética com mais agilidade⁴. Agora, todos que a utilizam conseguem, em pouco tempo, dispor de e colocar qualquer informação na rede. Seja a partir de sites pessoais, blogs, micro-bloggings, fóruns, sites de relacionamento, ferramentas wiki, murais, a internet contribui para a interlocução massiva⁵ de usuários para com outros usuários. Mesmo sendo um grande número de pessoas, a rede se encontra organizada por

⁴ Só no Brasil, de acordo com IBOPE Nielsen Online, o número de usuários ativos da internet em residências brasileiras chegou a 24,8 milhões em fevereiro de 2009. Dos 24,8 milhões de usuários ativos de fevereiro de 2009, 21,5 milhões ou 87%, navegaram por meio de banda larga, crescimento de 3,9% sobre janeiro de 2009 e de 24% sobre fevereiro de 2008.

⁵ Digo massiva quando me refiro à quantidade de pessoas que acessam a ferramenta.

temas de interesse e moderada por colaboradores virtuais, que na maioria das vezes, são selecionados ao cargo por estarem em constante contato com a comunidade virtual que eles mobilizam. (VARELA, 2007)

Existem várias redes sociais. As conhecidas tribos, em que pessoas se reúnem a partir de um gosto específico, seja na universidade, no trabalho, em suas opções de lazer, fazem parte também do mundo virtual. Cada pessoa tem uma predisposição, um grupo que utiliza como referencial para suas ações. Existem os que gostam de música sertaneja, os que usam sapatos de couro, aqueles que não deixam de assistir um capítulo do seu seriado preferido, ou mesmo os que adoram um determinado tipo de comida. Poderíamos listar diversas comunidades aqui, mas o propósito é exemplificar o potencial que a rede tem de aglutinar pessoas em torno de um mesmo gosto, uma determinada preferência. Daí surgem as comunidades virtuais. Nelas, pode-se conversar com mais pessoas com gostos semelhantes, de tribos diversas, buscando mais referências do tipo de tribo o qual participam e entendendo mais como participar delas.

As potencialidades da internet não terminam aí, apenas começam. É a partir também dessas comunidades virtuais que se vê o poder que os ciberusuários⁶ possuem. Hoje, várias são as comunidades que se organizam com o objetivo de modificar algum tipo de realidade. São os grupos que identificam erros no mandato de determinados representantes do povo, e que conseguem chegar ao político através de abaixo-assinados virtuais, mensagem eletrônicas de revolta e indignação. Existem também os que descobrem falhas nos textos informativos de jornalistas de grandes jornais e que acabam como *ombudsmen*⁷, mesmo quem sem querer, dos meios de comunicação. Ainda há aqueles tipos de comunidades que conseguem colaborar de vários locais do mundo contra a exploração de pessoas em situação de risco, sejam crianças e adolescentes, pessoas que sofrem com trabalho escravo, dentre outros exemplos. Essas comunidades organizadas demonstram o poder de mobilização que os internautas têm. Você se torna colaborador e consegue ajudar outras pessoas com apenas uma mensagem. Como observa Kátia Aguiar,

Com a internet, o cidadão deixaria de ser um mero consumidor de informações políticas. Ele se converteria, através das ferramentas da rede, em um emissor ou co-produtor dessas informações, já que, nesse ambiente, o fluxo não é

⁶ Termo utilizado pela autora como referência às pessoas que navegam na internet.

⁷ Jornalista contratado pelo jornal com o objetivo de encontrar erros no texto jornalístico do meio de comunicação pertencente à própria empresa.

unidirecional, mas multidirecional e horizontal, aberto à participação dos usuários. (AGUIAR, 2006:3)

A internet então passa a ser considerada como espaço de exposição para esse público, cansado de não ser ouvido e normalmente relegado a segundo plano pelos jornalistas – muitas vezes também vítimas desse sistema, por ter que cooperar com ele em troca de permanecer no mercado. Os fóruns se tornam instrumentos de discussão. Os blogs se transformam em uma ferramenta potencial para que cada um expresse sua opinião sobre qualquer assunto. Os chats reúnem os interessados em debater aspectos da realidade em tempo real. Qualquer um pode colaborar para abastecer a internet com informações precisas sobre assuntos que atinjam qualquer nicho, tribo ou comunidade. São espaços para discussão criação e mediação de conteúdo. É o que afirma Concha Edo (2007) sobre como a internet conseguiu favorecer às mais variadas camadas da sociedade quando deu a elas a opção de escolha, de procurar e mediar a informação, independente do que seja a pauta pela agenda dos meios de comunicação, mais ainda que pelo próprio jornalista. Para Edo, uma das grandes questões da Internet é a grande fragmentação da audiência.

Hasta ahora los medios se dirigían a grandes grupos de personas más o menos indefinidos: eran los medios de comunicación de masas y su discurso tenía una apariencia casi monolítica. Pero esas dimensiones han cambiado para dirigirse a la personalización, a los pequeños grupos con entidad propia que reclaman un tipo concreto de información. (BARBOSA, 2007:10)

Esta fragmentação nada mais é que fruto do modelo jornalístico imposto pelos meios tradicionais de comunicação. As informações advindas destes meios se tornaram usufruto de poucos e a maioria das pessoas, que até então deveria ser a grande beneficiada, vê-se refém da seleção dessas informações pela imprensa.

A imprensa foi concebida com o intuito inicial de buscar e transmitir os anseios da população, atuar como uma máquina reguladora dos direitos de seu público. O espaço jornalístico deveria ser exercido como meio de discussão das necessidades dos seus espectadores, leitores, ouvintes. Diz ABREU (2003) que “a imprensa é um veículo que fornece informações aos cidadãos e, simultaneamente, lhes dá a possibilidade de levar suas demandas até os responsáveis pelas decisões que afetam a vida em sociedade”. (ABREU, 2003:2) Porém, mesmo com essa característica primordialmente engajada, a

institucionalização das empresas jornalísticas, principalmente devido às exigências do mercado, faz com que essas organizações passem a não mais ter o bem-estar da sociedade como princípio fundamental. A máquina teria que ser abastecida para competir no mercado e para não falir. Como cita BELTRÃO e QUIRINO (1986),

O comunicador massivo [que trabalha nos meios de comunicação] não pode gozar daquela completa liberdade de produção e emissão (intelectual, artística e técnica) da mensagem, que é desfrutada pelo comunicador individual, pois está dependendo de condicionamentos, que configuram seu comportamento e orientam sua atividade. (...) Com efeito, em decorrência da industrialização, *a Comunicação de Massa requer uma organização formal complexa*, a empresa, pois ‘a publicação de um jornal ou a produção de um programa de TV exige o uso de recursos de capital e, por conseguinte, controle financeiro; demanda grande quantidade de pessoal e um corpo diretivo altamente especializado, e supõe a aceitação e aplicação de controles normativos e... de um mecanismo de prestação de contas, tanto ante a autoridade exterior como ante o público⁸. (BELTRÃO, QUIRINO *apud* BOURGELIN, 1986:145)

O jornalismo sente-se ameaçado. Porém, a convergência midiática é a solução que mais se aproxima das necessidades que os jornalistas têm de permanecer a serviço da comunidade. A Internet não deve ser tratada como um novo inimigo, como algo que irá provocar o fim dos meios de comunicação tradicionais. Da mesma forma que com a criação do rádio, o jornal impresso teve que passar por uma reformulação para continuar atraindo leitores, que com a chegada da televisão o rádio teve que adotar novas regras, um novo formato, a Internet não vem competir com os meios, ela vem provocar uma grande revolução tanto nos moldes dos meios tradicionais de comunicação como na forma de fazer jornalismo. DIZARD (2000) verifica que

O poder da Internet está baseado na sua habilidade de superar as barreiras que limitavam o acesso de uma enorme massa de informações para os consumidores comuns. A Internet é o prático caminho para o ciberespaço e, além disso, o software que vai pegar carona em todas as faixas da nova auto-estrada da informação eletrônica – sistema de telefone, TV a cabo, televisão aberta e canais de satélite. Os meios de comunicação de massa constituem apenas uma pequena parte de uma indústria de informação que é cada vez mais dependente das

⁸ Grifos do autor.

ferramentas de distribuição da internet para entregar seus produtos. (DIZARD, 2000:25)

A possibilidade de divulgação da informação não pode ser mais considerada dádiva dos meios de comunicação de massa, nem apenas dos jornalistas, mesmo considerando que a profissão não pode e nem deve ser extinta. Os jornalistas precisam agora entender como utilizar o meio virtual, como atrair mais público. Há que se destacar ainda que o cidadão, também participante do ciberespaço, encontrou seu lugar tanto para encontrar informações de seu interesse, como também, checar outras informações já conhecidas e até divulgá-las aos demais companheiros de rede. Destaca VARELA (2007) que,

O ativismo é um dos traços mais importantes e distintos da blogosfera. Enquanto o jornalismo tradicional promulga seu serviço aos cidadãos e seu interesse em contar a realidade, a blogosfera possui a vocação de intervir na realidade a partir da conversação virtual. (VARELA, 2007:82)

Jornalismo na era da internet: do cívico ao colaborativo

O jornalismo cívico, também chamado de *jornalismo comunitário*, *jornalismo de serviço público* ou *jornalismo público*, surgiu no Estados Unidos nos fins dos anos 1980. (TRAQUINA, 2005) Nelson Traquina traz uma questão: teria sido o jornalismo cívico uma reforma ou uma revolução?

O jornalismo cívico surge com o objetivo de trazer mais audiência para os meios tradicionais de comunicação já que, desacreditados pela maioria dos norte-americanos, procuravam restabelecer contato com os cidadãos. Nelson Traquina (2005) cita bastante o jornalista Davis Merritt ao falar sobre este tipo de jornalismo, que para este jornalista, trouxe para os meios a adoção de um papel para além do de dar notícias. (TRAQUINA *apud* MERRITT, 2005:177) Traquina também cita Merritt ao explicar as características que o jornalismo cívico deve ter e cita uma em especial: conceber o público não como consumidor, mas como ator na vida democrática, tornando assim prioritário para o jornalismo estabelecer ligações com o cidadão. (TRAQUINA *apud* MERRITT, 2005:179)

É justamente no que diz respeito à relação dos meios de comunicação com os cidadãos, que o jornalismo brasileiro tem falhado – ainda mais em âmbito local. O jornalismo como instituição gera descontentamentos quanto à produção informacional local. Os meios de comunicação de massa no que tange ao Brasil, em sua maioria, são de iniciativa privada –

mesmo que as concessões sejam públicas e transferidas ao poder privado por requerimento junto ao Ministério das Comunicações –, distanciando os públicos periféricos e situando abismos de informação ao transferir sua atenção para o global em detrimento do local.

Meios de comunicação como a televisão, o jornal impresso e o rádio não conseguem permanecer no mercado sem injeções esporádicas de investimentos. Seria difícil que cada cidade possuísse seus próprios meios de comunicação voltados para a comunidade local e talvez impossível que grandes meios de comunicação dessem informações sobre cada local do país em que está inserido e, mais ainda, do mundo. Daí, as inquietudes das comunidades, que na periferia dos grandes centros urbanos, e muitas vezes desorganizada politicamente, não consegue saber o que acontece na própria comunidade.

Ao mesmo tempo que o global parece ser o referencial para os meios de comunicação de massa surge a internet como uma alternativa para o local. A internet, como espaço de produção, colaboração e veiculação de informações advindas de qualquer indivíduo, seja jornalista profissional ou freqüentes colaboradores de comunidades virtuais, aparece como uma alternativa para as informações locais. A internet surge também como um desafio aos jornalistas, que agora necessitam se adaptar às novas exigências do mercado e, mais ainda, para suprir as necessidades comunicacionais destes jovens que cresceram com as novas tecnologias de informação. DIZARD (2000) destaca que tanto a mídia clássica quanto à nova mídia oferecem recursos de entretenimento para grandes públicos, de maneira conveniente e a preços competitivos. Segundo o autor, a diferença é que

A nova mídia está expandindo dramaticamente a gama de recursos disponíveis para os consumidores através da Internet e de outros canais. Em particular, a nova mídia está começando a prover conexões interativas entre o consumidor e o provedor de informação. (...) A nova mídia é crescentemente interativa permitindo aos consumidores escolher quais recursos de informação e entretenimento desejam, quando os querem e sob qual forma. Os consumidores podem até mesmo evitar a estrutura da mídia antiga, instalando suas próprias redes eletrônicas. (DIZARD, 2000:40)

A ferramenta internet dá aos cidadãos comuns a possibilidade de gerar informação, e dá a eles também a oportunidade de seleção, ainda maior que em relação aos meios de comunicação de massa. Esta colaboração excessiva, a divulgação massiva de conteúdos no espaço cibernético, constitui o jornalismo 3.0 (VARELA, 2007), ou seja, o jornalismo participativo. Seria errôneo pensar que o modelo colaborativo empregado por este tipo de

jornalismo, o chamado 3.0, ou mesmo jornalismo cidadão, é inimigo da prática jornalística. Cita VARELA (2007) que o duelo não ocorre entre o jornalismo e os blogs, entre a imprensa tradicional e os meios sociais de comunicação, mas entre fazer que a audiência participe do meio e da mensagem ou não fazê-lo. É também para Concha Edo (2007) que no se puede ya escribir sólo desde la perspectiva del emisor, del periodista: hay que contar más con el receptor y facilitar su participación. (BARBOSA, 2007:10)

VARELA (2007) configura o Jornalismo 3.0 como o jornalismo participativo, colaborativo, em que ele socializa o conteúdo tradicional já transmitido aos meios tradicionais e ao ciberespaço. “A partir das margens do sistema e do público surge o Jornalismo 3.0 para devolver o imediatismo, o sentido de comunidade e a conexão com a realidade na informação, cujas ferramentas são oferecidas pela tecnologia e pela internet”. (VARELA, 2007:53)

A democratização da informação nunca havia acontecido de maneira tão compartilhada. Essa é a era do jornalismo de *código aberto*⁹. (VARELA, 2007) Cada pessoa, em qualquer parte do mundo, tem a possibilidade de compartilhar o fato e dar sua contribuição. Este tipo de jornalismo tem sido empregado pelos sites de grandes jornais, o que faz com que eles não percam visibilidade no mercado e consigam agregar mais leitores e colaboradores.

As notícias já não são mais difundidas apenas pelos meios de comunicação tradicionais. Não são apenas os jornalistas que têm o poder da informação e não são apenas as pessoas que possuem nível acadêmico que têm a oportunidade de participar diretamente dessa revolução comunicacional. São também as pessoas comuns, direto de suas comunidades.

Os protagonistas desse novo jornalismo participativo são cidadãos comuns cujo poder aumenta graças ao uso de tecnologias digitais que conectam o conhecimento onde quer que esteja, por meio da rede, pelo mundo inteiro. Esses cidadãos, considerados os superusuários, querem contribuir e participar de sua própria realidade. Não estão contentes nem tranquilos sendo alheios ao que ocorre. Querem atuar em seu ambiente, na sociedade e em todos os campos de sua vida. (VARELA, 2007:81)

Porém, mesmo que as comunidades locais exerçam o poder informacional, onde caberia a elas a divulgação da informação entre as comunidades nas quais participam, o jornalismo

⁹ Alusão à ferramenta *wiki*, onde qualquer pessoa pode editar o texto postado nesses tipos de site. Um exemplo de ferramenta wiki é o endereço eletrônico www.wikipedia.org, criado com a finalidade de dar o poder de edição, colaboração e divulgação de qualquer texto, para qualquer pessoa inserida na rede e com informações a compartilhar.

deve ser apontado como o conciliador dessa informação. Os superusuários vêem os jornalistas como suas fontes de pesquisa. É no site de determinado jornal que o superusuário pesquisa as informações e as lança para os outros participantes dessa rede social.

Os jovens e as redes sociais

Não se pode mais pensar na juventude alheia ao mundo, sem uma posição crítica consistente. Assim como outras parcelas da sociedade, o jovem também possui linhas de interesse, o que o fez conquistar grande espaço nos meios tradicionais de comunicação e mais ainda no mundo cibernético. Mais do que em um espaço consolidado, estes jovens estão em um momento de expansão. Não há mais espaço na esfera pública que o jovem não tenha dominado ou sequer já participe dando preciosas contribuições.

Estamos na geração da juventude cibernética, aquela em que os jovens cresceram interconectados à televisão e ao controle remoto, ao computador pessoal e à internet. Estes jovens aprenderam a se comunicar com as pessoas do seu convívio e também com os que estão do outro lado do mundo. Eles cresceram em meio a uma constante troca de informações, o que evidencia que o planeta ficou pequeno para as redes comunicacionais existentes. Neste caso, a globalização intensificou a troca entre as redes sociais.

Estes jovens vivem um momento de construção e desconstrução social rápida. O jornalismo passa por uma reformulação digital intensa. Os aparelhos telefônicos transformaram-se em celulares portáteis com grande capacidade de armazenamento de dados e a potencialidade de em apenas um clique, na sua tela, conseguir descobrir o melhor caminho para se chegar ao destino inicial, ou mesmo, informações sobre o jogo de futebol que está acontecendo em outro lugar do mundo, assim como escutar a sua emissora de rádio preferida. Não apenas os telefones são exemplos para esta onda tecnológica. Os jovens hoje conseguem se abastecer de informações mais rapidamente do que qualquer jovem de outra época que tenha participado de qualquer outra revolução tecnológica.

O grande abastecimento de informações vivenciado pela juventude atual tem causado certas discrepâncias entre o ensino tradicional nas escolas formais e utilização das novas tecnologias para o estudo e, principalmente, a pesquisa. Os modelos de educação formal estão perdendo espaço para o contato existente entre os jovens e os meios de comunicação. Esta educação há que se antever, transferindo também para as redes sociais, a sua importância como espaço de pesquisa e o contato com outros jovens produtores de conteúdo em outros locais do mundo. A informação está ligada desde cedo à formação deste jovem cibernético.

Ele consegue participar das discussões, estabelecer o diálogo crítico sobre o que se passa no mundo e entendê-lo através dessa nova rede social.

Dessa maneira, os jovens, desta nova era de caos informacional, conseguem estar ainda mais preparados ao contato com a internet que propriamente as pessoas que estão no mercado de trabalho há algum tempo e que necessitam se adaptar à revolução tecnológica. E este contato com a rede consegue dar ainda maior autonomia para os jovens, principalmente aos adolescentes. Observa Néstor García Canclini (CANCLINI, 2007), em entrevista concedida ao site EducaRede que

Anuncia-se claramente uma reestruturação das redes sociais e culturais. Surgem novas formas de privacidade, interdependência. É um campo de estudos muito recente. Há várias televisores nas casas. Quase não se assiste à televisão em família. A exposição às tecnologias promove ao mesmo tempo uma maior valorização da autonomia em idades menos avançadas e um maior desenvolvimento de redes entre iguais ou semelhantes. (CANCLINI, 2007)

García Canclini ainda declara que, como falado anteriormente, que os jovens são a parcela da sociedade que se sente mais à vontade com o meio digital. Ele considera que,

Há uma mudança de hierarquia do conhecimento quanto ao acesso à informação, e comprovamos algumas vezes que jovens que se sentem nativos das novas tecnologias modificam as tradicionais hierarquias sociais de idade e, às vezes, as hierarquias estabelecidas no plano da educação e do socioeconômico. (CANCLINI, 2007)

Mais do que controlar as redes sociais, estes jovens adquiriram conhecimentos específicos para desenvolver tarefas no mundo cibernético. São uploads em grande frequência, compartilhando vídeos, jogos, músicas, filmes, entre todos da rede; downloads em massa destes arquivos compartilhados; inserção de *podcasts*¹⁰ com as músicas, programas de rádio ou audiovisuais; assim como vídeos disponibilizados em sites de exibição. É a convergência midiática que se instaura no cotidiano deste jovem, que mesmo sem saber, dá ao jornalismo novas ferramentas para chegar até o público ouvinte e participante.

A experiência de ouvir rádio ou assistir televisão é reconfigurada na internet. O rádio está perdendo espaço para este jovem no tocante à transmissão tradicional, porém, o meio de

¹⁰ Listas de música criadas pelos jovens a partir de sites como o *myspace.com*.

comunicação ganha vida na internet, onde cada jovem ciberusuário pode escolher a programação que lhe convier e criar um *podcast*. Este jovem, além da televisão, tem na internet a possibilidade de rever filmes, trechos de programas televisivos, tudo a partir da contribuição de outros ciberusuários, que colocam em rede os arquivos a serem baixados de sites de downloads ou para serem vistos em sites como o YouTube.com.

Grande também é o vocabulário produzido pelos jovens protagonistas dessa era digital. Neologismos são criados a partir de palavras do cotidiano cibernético, muitas vezes transformando essas palavras conhecidas, adotadas de idiomas estrangeiros, em verbos. Alguns exemplos são: *adedê* (do inglês *add*, ato de adicionar uma pessoa em comunidades virtuais), *upar* (do inglês *upload*, ato de disponibilizar arquivos em sites próprios para isso), *postar* (do inglês *post*, ato de inserir artigos, frases, músicas em comunidades virtuais ou em blogs) e *blogar* (expressão criada a partir da ferramenta *blog*, como o ato de adicionar artigos, fotos, músicas na ferramenta).

As novas ferramentas de interação social, criadas e potencializadas precisamente a partir do advento da internet e das novas tecnologias de informação e comunicação, trouxeram a este jovem a oportunidade de ser sujeito na divulgação de informações, nas quais muitas vezes ele se encontra como protagonista.

O Espaço Adolescente e Jovem no III Congresso Mundial de Enfrentamento da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes

Um exemplo de como a internet pode ser utilizada por jovens – principalmente adolescentes – como nova ferramenta de interação social, divulgação de informações acerca de determinado tema e fomento de discussão, foi a criação de um espaço totalmente novo para o III Congresso Mundial de Enfrentamento da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, o Espaço Adolescente e Jovem.

O Congresso Mundial reuniu, entre os dias 25 e 28 de novembro de 2008, no Rio de Janeiro (RJ), 3.158 participantes, entre os quais 282 adolescentes, delegações de 160 países e 55 autoridades de governos. Das 3.000 inscrições para esta terceira edição do evento, 10% foram destinadas a meninos e meninas brasileiros e estrangeiros, para que assim integrassem as delegações da mesma forma que os adultos.

O objetivo do Congresso era, assim como trazer a discussão da exploração sexual para a pauta dos países participantes, escrever e submeter à aprovação dos presentes, as diretrizes de um trabalho integrado dos países para a prevenção e erradicação da exploração sexual de

crianças e adolescentes em todo o mundo. Era consolidar a autonomia e a participação qualificada dos adolescentes, que participaram das mesmas oficinas e mesas de discussão. Como todos os outros delegados, eles tiveram seus nomes indicados por organizações parceiras por já estarem envolvidos ativamente em projetos e programas contra a exploração sexual comercial e o tráfico nas comunidades em que vivem.

Participaram adolescentes da Europa, África, Ásia, América do Norte e América Latina. Mobilização essa realizada pelo Unicef, pelo NGO Group (Save the children, Plan International, World Vision e outras), pela Rede ECPAT (End Child Prostitution, Child Pornography, and Trafficking of Children for Sexual Purposes) e pelo governo brasileiro, através da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, com a parceria dos Ministérios do Turismo, do Desenvolvimento Social e do Combate a Fome e das Relações Exteriores.

O Espaço Adolescente e Jovem era uma área multimídia com cerca de 600 metros quadrados, patrocinada pelo Serviço Social da Indústria, SESI, e a Petrobrás e coordenada pelo Projeto/Revista Viração e o Instituto Internacional para o Desenvolvimento da Cidadania (IIDAC). Além dos espaços de discussão formal do Congresso onde os adolescentes participavam de plenárias, oficinas e assembléias, eles também puderam mostrar ao mundo, a partir do Espaço Adolescente e Jovem, tudo o que se passava durante o evento através de outras ferramentas de comunicação – que não as tradicionais comandadas pela imprensa.

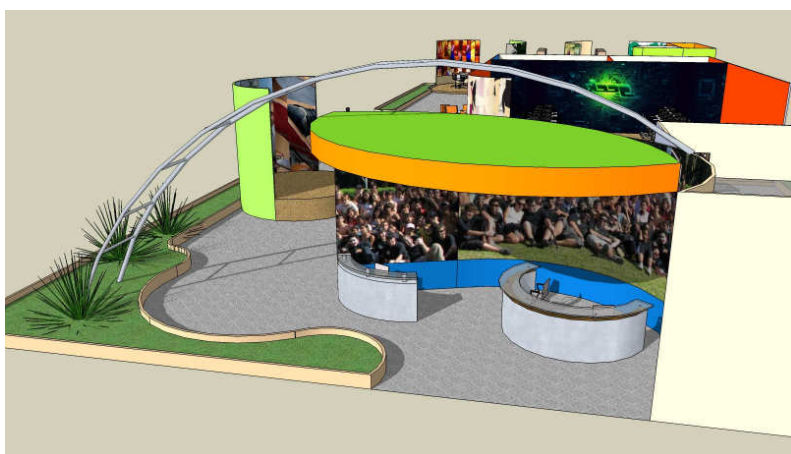
Figuras: (1), (2) e (3) Plantas 3D. Espaço Adolescente e Jovem.



(1)



(2)



(3)

FONTE: Relatório Técnico: Projeto de Incentivo a Participação dos Adolescentes no III Congresso Mundial, 2008.

O local foi dividido de acordo com o que os adolescentes se interessariam. Os adolescentes customizaram camisetas, criaram cartazes, pôsteres e grafitaram painéis. Foram disponibilizadas câmeras fotográficas digitais para que os jovens fizessem a cobertura fotográfica do Congresso. Além de câmeras filmadoras digitais, onde os adolescentes poderiam gravar todos os acontecimentos. Os produtos, além de colocados à disposição na internet, também foram exibidos e expostos no próprio local. O Espaço Adolescente e Jovem também contava com vários computadores ligados à internet, onde os jovens se conectavam simultaneamente com todo o mundo. O espaço esteve aberto para que adolescentes e jovens pudessem ler, assistir, ouvir e/ou interagir entre eles e com outros participantes do Congresso.

Existia ainda a rádio, espaço o qual a autora do presente artigo teve a oportunidade de participar mediando os adolescentes para a utilização da ferramenta, em dupla com a jornalista Clarissa Diógenes, ainda estudante na época. A ferramenta permanecia no ar todo o tempo trazendo convidados especiais para entrevistas, contando também com uma

programação musical que mesclava informações de todos os países participantes. Tanto a autora do artigo como a jornalista Clarissa Diógenes fazem parte da ONG Catavento Comunicação e Educação, parceira do Projeto/Revista Viração – uma das organizadoras do Espaço Adolescente e Jovem. E foi através dessa parceria que as comunicadoras foram convidadas a fazer a mediação.

Após o evento, os organizadores do Congresso Mundial fizeram um relatório técnico com todas as informações acerca da participação dos adolescentes e jovens no Espaço. O relatório estima que 600 delegados visitaram o Espaço Adolescente e Jovem diariamente, sendo que 300 adolescentes de todo o mundo estiveram permanentemente presentes no espaço em horários previamente definidos.

O objetivo do espaço era fazer com que os adolescentes agissem de forma criativa contra a exploração sexual divulgando, principalmente pela internet, as discussões realizadas nos espaços formais e dando aos participantes a possibilidade de divulgá-las por outro viés. O espaço serviu com este propósito, o que fez com que os produtos elaborados, além de permanecerem para registro do evento, também fossem disponibilizados em uma rede social criada para este fim, a <http://www.stopx.org/>.

É através do site que vários adolescentes que participaram do Congresso continuam conseguindo interagir e divulgar informações de seus países e, ainda mais, comunidades locais. O StopX se constitui de uma rede social interativa com várias comunidades, onde todos têm a oportunidade de inserir textos, arquivos de áudio e vídeo para que qualquer um, estando cadastrado, consiga conhecer e até fazer download dos arquivos. A maior parte das obras audiovisuais, radiofônicas e fotográficas produzidas durante o Congresso hoje alimentam a rede social StopX.

Antes da criação do site, o blog <http://blog.stopx.org/> interligava todos os adolescentes que iriam participar do evento. O blog foi a ferramenta base para a participação de meninas e meninos de todos os países. Lá, eles atualizavam postagens sobre a concretização do Congresso, sobre a realidade da comunidade em que viviam, como também, compartilhavam alternativas bem sucedidas contra a exploração de seus países de origem. Além de conversar e debater sobre o assunto tema do Congresso, o combate à exploração sexual de crianças e adolescentes em todo o mundo, os adolescentes também utilizavam o espaço para conhecer a cultura dos outros países participantes, além de fazer amigos que logo teriam a oportunidade de conhecer pessoalmente.

Além do Blog StopX outro site foi utilizado para que a discussão acerca do tema fosse concretizada, o <http://www.vozdosadolescentes.org.br/>. O *Voz dos Adolescentes* possibilitava chats onde todos que iriam participar do Congresso, e os que se interessam de alguma forma pelo assunto, fizessem pré-encontros. O site realizou, durante os três meses que antecederam o encontro, 09 chats virtuais, sendo 05 para discussão de temas relacionados ao III Congresso Mundial. Pontos levantados nesse site foram utilizados e discutidos também durante os espaços formais do evento.

Mais que a possibilidade de integração, a internet foi utilizada como uma ferramenta impulsionadora da discussão, divulgação e mediação de conteúdo. Trazer a possibilidade de interação entre os adolescentes participantes e os demais que não estavam presentes, mas acompanhavam por outros meios de comunicação e, principalmente, pela internet, talvez tenha sido uma das melhores ações realizadas para o evento.

Ao final do III Congresso Mundial de Enfrentamento da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes foi elaborada uma carta pelos próprios jovens participantes, com recomendações em vários campos para que a luta contra a exploração prossiga e avance.

Conclusão

Em meio à grande onda tecnológica a qual vislumbramos em nosso cotidiano, seria impensável que os meios tradicionais de comunicação não se aliassem às essas novas tecnologias. Mais que isso, seria improvável conceber que estas tecnologias não seriam utilizadas de maneira convergente entre cidadão e mídia.

Os adolescentes de hoje preparam-se desde seu nascimento para esta convergência. É ele quem hoje cobra informações, checa, divulga, aglomera outros jovens seja para qual objetivo for. A juventude estudada pelo artigo denota as diferenças da estrutura da sociedade atual em comparação com outras épocas, em que as tecnologias não eram tão facilmente utilizadas por ele. Este jovem procura se informar do que mais lhe agrada, deixando muitas vezes de lado o ensino tradicional das escolas regulares, o que faz com que especialistas da educação batizem esta ruptura de caos, principalmente da leitura e escrita nos livros e cadernos de papel.

Pode-se observar que o jovem é grande conhecedor e detentor de informações sobre as novas tecnologias de informação e comunicação. Os meios de comunicação tradicionais estão perdendo espaço para este jovem. E isto não fará com que estes meios se extingam. O futuro é

a revolução do modo tradicional de comunicação, sendo os jovens, nascidos e criados na era cibernética, potenciais geradores dessa mudança.

O Espaço Adolescente e Jovem utilizado como exemplo, no presente artigo, deu uma idéia sobre como as redes sociais virtuais favoreceram a interação dos jovens participantes, e como os temas discutidos no Congresso continuam vivos, seja através dos arquivos virtuais criados na época do Congresso, como pela construção da comunicação entre os jovens que participaram e que, hoje, são fontes de informações sobre sua comunidade local, acerca do tema do Congresso, para qualquer pessoa que acessar a rede social StopX.

A internet surgiu como uma alternativa para troca de informações e hoje, pode-se dizer, que de alternativa passou à principal ferramenta¹¹.

Referências Bibliográficas

ABREU, A. A. **Jornalismo Cidadão**. Estudos Históricos, Mídia, n. 31, 2003/1.

AGUIAR, Kátia Fonseca. **Ciberesferas públicas**: os blogs como espaços de discussão política. Trabalho apresentado como requisito parcial para a aprovação na disciplina Mídia e Política, ministrada pela Prof. Ângela Marques, no curso de Especialização em Comunicação: Imagens e Culturas Midiáticas – 1o semestre, UFMG, 2006.

BARBOSA, Suzana (org). **Jornalismo Digital de Terceira Geração**. Covilhã: Labcom – Universidade da Beira Interior, 2007

Blog StopX. In: <http://blog.stopx.org/>. Acesso: 18/03/09, às 23:12.

CANCLINI, Néstor García. **Educared Argentina entrevista Néstor García Canclini**. 2007. Disponível em: <http://www.educarede.org.br/educa/index.cfm?pg=internet_e_cia.informatica_principal&id_inf_escola=661> Acesso em: 18 mar. 2009, Entrevista concedida a Angeles Soletic.

CHINEM, Rivaldo. **Jornalismo de Guerrilha**: A Imprensa Alternativa Brasileira da Ditadura à Internet. São Paulo: Disal, 2004.

¹¹ É importante salientar que mesmo com o acesso ilimitado à informação, muitas pessoas ainda não sabem como utilizar a ferramenta internet, o que as transforma em meros espectadores da revolução. Mesmo que a utilizem, não conseguem tirar proveito de todos os instrumentos ou, pelo menos, da maior parte deles. E, principalmente, a internet ainda não chegou a todos os lares, impossibilitando um convergência ainda maior.

Congresso Mundial de Enfrentamento da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. *In:* <http://www.iiicongressomundial.net/>. Acesso: 18/03/09, às 22:28.

DIZARD, Wilson. **A nova mídia:** a comunicação de massa na era da informação. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

IDG Now!. **Mundo atinge 1 bilhão de usuários de internet, diz pesquisa do eMarketer.** *In:* <http://idgnow.uol.com.br/internet/2006/05/19/idgnoticia.2006-05-19.2158242015/>. Acesso: em 24/02/09, às 13:00.

Site StopX. *In:* <http://www.stopx.org/>. Acesso: 18/03/09, às 23:10.

SPOSITO, M. P. **Estudos sobre juventude em educação:** anotações preliminares. Revista Brasileira de Educação. Número especial: Juventude e Contemporaneidade. São Paulo: ANPED, 5-6, 37-52, 1997.

SPYER, Juliano. **Conectado:** o que a Internet fez com você e o que você pode fazer com ela. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo: Unisinos, 2005.

VARELA, Juan (org). **Blogs:** Revolucionando os Meios de Comunicação. São Paulo: Ed. Thomson, 2007.

VIRAÇÃO; UNICEF; IIDAC. **Relatório Técnico:** Projeto de Incentivo a Participação dos Adolescentes no III Congresso Mundial. Espaço Adolescente e Jovem. Rio de Janeiro, 2008.

ZANETI, Hermes. **Juventude e Revolução:** uma investigação sobre a situação revolucionária juvenil no Brasil. Brasília: Edunb, 2001.